

LEIRIA, Luís. *O inferno de outro mundo*. São Paulo: Sundermann, 2013. 172p.**Uma estreia auspiciosa**

Este livro de estreia do português Luís Leiria é composto por nove contos: “A carecada”, “Invasores de corpos”, “O dia em que os cegos desapareceram”, “O inferno de outro mundo”, “O programador e o bruxo”, “A hora do sono”, “Amigo oculto”, “O homem que amava Bill Evans”, “Bem-vindo, Camarada!”.

Antes de mais, uma pequena apresentação do autor. Mais do que português, Luís Leiria é um luso-brasileiro que viveu longos anos em São Paulo e em Nitéroí. Formado em Filosofia e jornalista de profissão, o autor não começa o seu percurso édito sem incursões anteriores nas lides literárias. No bojo, já tinha uma menção honrosa no prestigiado Prémio Literário Manuel da Fonseca.

Se o conto de abertura e o de fecho, respetivamente “A carecada” e “Bem-vindo, Camarada!”, têm uma base histórica e política muito concreta que remete aos tempos conturbados do estertor da ditadura e do processo revolucionário português de 1974-1975 (vividos pelo autor “in loco”, ainda no verdor da sua juventude), os restantes contos são sobretudo fruto da imaginação. Aliás, uma imaginação distópica que não deixa de refletir, a seu modo, a processualidade contemporânea em que todos estamos inseridos e na qual os pesadelos pressentidos por Aldous Huxley ou George Orwell estão latentes. Daí *O inferno de outro mundo*.

Daí *O inferno de outro mundo* com o “O dia em que os cegos desapareceram” e o conto homónimo ao título do livro.

Daí “O dia em que os cegos desapareceram” ser uma estória de eugenia social e racial em que os invisuais, os artistas de rua, os mendigos, os ciganos e os imigrantes são afastados do espaço público. Num país em crise profunda, a elite política, a manipulação mediática e o aparelho repressor do sistema mancomunam-se na declaração de uma espécie de estado de sítio e na supressão dos “outros”. Nestes “outros”, também parecem estar potencialmente incluídos os criadores indómitos, os intelectuais adversos e os dissidentes políticos. E até o polfícia de choque, que é, quiçá um tanto inverosivelmente, o protagonista principal da estória.

Daí o conto homónimo ao título do livro poder ser lido como uma continuação de “O dia em que os cegos desapareceram”. A grande crise ficou controlada. Maria e José perdem a memória dessa crise. Estão condicionados por rações de biscoitos. Vivem numa espécie de campo de concentração cercado por um muro de concreto com seis metros de altura. Na sua fuga e tentativa de fuga para a cidade de onde foram afastados, Maria e José retomam certas memórias e capacidades. Não são meros sem-abrigo desprovidos de passado. Não são analfabetos ineptos e nem sequer os seus nomes são os verdadeiros. Maria e José são, isso sim, destroços condicionados da repressão que o poder exerceu sobre as classes despossuídas e os seus aliados ao tempo em que a grande crise arruinou os setores intermédios, disparou o desemprego, favelizou a cidade e perseguiu as dissidências. Maria havia sido médica e José um jornalista, ambos demitidos por oposição ao situacionismo. Agora não são nada e querem voltar a ser algo, mas entretanto a vida da cidade continua a fluir e o Parque Europa permanece uma miragem.

São estes dois contos uma alegoria das piores tendências inscritas na realidade de um Portugal e de uma Europa em plena crise? Uma espécie de prolepse de uma narrativa impensável a vir? Ou uma hipérbole injustificada? Deixando a resposta ao critério dos leitores, citemos Manuel:

“Faço mais um esforço de atenção. E leio:

E se este mundo for o inferno de outro planeta?

ALDOUS HUXLEY

Fico estarrecido. Afinal, sei ler!”

(LEIRIA, 2013, p. 59).

Contudo, nem todos os contos são distópicos. Além de “A carecada” (narrativa da resistência juvenil à ditadura marcelista e à guerra colonial) e de “Bem-vindo, Camarada!” (conto *à clef* sobre a juventude organizada e radicalizada em plena Revolução dos Cravos), que já mencionámos, o livro comporta estórias de ficção científica (“Invasores de corpos”), de experiências de quase morte (“O programador e o bruxo), de pequenos nada do quotidiano (“A hora do sono”), de exercícios de

escrita criativa (“O amigo oculto”) e de paixão pelo jazz (“O homem que amava Billy Evans”).

Particularmente cativante é o conto “A hora do sono”. No regresso quotidiano a casa, a bordo do ônibus da empresa paulista em que trabalha, Luís Carlos dorme a sesta. Sandra também. Lado a lado no ônibus, a tensão erótica e amorosa instala-se entre ambos. Nada acontece. Sandra acaba por se eclipsar. A vida é feita de pequenos nada.

Neste seu livro de estreia, Luís Leiria mostra já um certo domínio de técnicas narrativas como o monólogo interior (caso do doente de Parkinson que narra a fantasiosa invasão dos extraterrestres), o monólogo exterior (caso do barbeiro de “A carecada”) e o contraponto. Aliás, em “O amigo oculto”, a utilização do contraponto é habilmente desdobrada num jogo de identidades e máscaras que remete explicitamente para o Augusto Abelaira de *Bolor*.

Luís Leiria mostra igualmente uma certa mestria na arte de narrar, mantendo o suspense da leitura e conseguindo o efeito de surpresa, como, por exemplo, em “O amigo oculto” (quem poderia prever que se estava diante de um exercício de escrita criativa?) ou em “A hora do sono” (quem não concentra a atenção no parzinho que tudo parece aproximar e não se surpreende por nada acontecer num final cheio de tensão dramática pelo próprio fato da banalidade do irremediável desencontro?).

Todavia, nem tudo é luz neste livro de estreia do autor português. Se a constelação de referências temáticas e histórico-culturais, na sua miscelânea do

“alto” e do “baixo”, do jazz clássico de Bill Evans e de extraterrestres, do “Decameron” e de “Casablanca”, de *Bolor* e de concursos televisivos, não merece reparos para um leitor mais exigente, talvez o mesmo não se aplique à questão da linguagem. A semântica e as imagens da escrita são sobretudo denotativas. Aqui e ali estão salpicadas de uma certa verve jornalística. Parece faltar algum trabalho poético, conotativo e dissonante

Em rigor, também se pode sustentar que, não sendo talvez esse o objetivo da escrita do autor, inexistente motivo para a sombra ora apontada. Afinal, o mundo semântico dos ET, das FAQ, do protocolo TCP-IP ou das expressões mais jornalísticas também pode configurar uma escrita mais artesanal.

Resta terminar com as palavras “barthesianas” que Beatriz Weigert escreveu para a apresentação do livro, na Casa do Brasil, em Lisboa: “Momentos singulares são os que compõem *O inferno de outro mundo* de Luis Leiria. Os leitores situados no paraíso dessa leitura agradecem ao escritor”.

E aguardemos, pois, o romance que Luís Leiria está a escrever para nosso futuro deleite nesse jogo de muitas luzes e algumas sombras que (quase) sempre são os livros que aprendemos a amar.

JOÃO MARQUES LOPES

Universidade de Lisboa/CLEPUL

Recebido: 29 de abril 2014

Aprovado: 18 de setembro 2014